

“un idioma para
hablar con los
muertos”: Tamara
Kamenszain. *O gueto.
/O eco da minha mãe.*
Trad. Carlito Azevedo
e Paloma Vidal. Rio
de Janeiro: 7Letras,
2012, 117pp.

Diana Klinger

Professora Adjunta de Teoria
Literária da Universidade Federal
Fluminense. Graduada em Letras
pela Universidad de Buenos Aires
(2000) e Doutora em Literatura
Comparada pela Universidade
do Estado do Rio de Janeiro
(2006). Fez Pós-Doutorado no
Programa Avançado de Cultura
Contemporânea, na Universidade
Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.
É editora da revista binacional
(Brasil - Argentina) Grumo, crítica e
tradutora.

*e acho até que de repente
 ...quem sabe...
 amanhã começarei um romance*

*(y hasta me parece que a lo mejor
 ...quien te dice...
 mañana empiezo una novela)*

Com esses versos se fecha o último poema do último livro da argentina Tamara Kamenszain, *O eco da minha mãe* (2011). Na verdade, esse livro já é parte de uma novela, da “novela da poesia”, “a que se deixa entrever entre os versos”, como diz Enrique Foffani no Prólogo à edição da poesia reunida de Tamara, publicada justamente com o título *La novela de la poesía*. De fato, é bom lembrar que em espanhol “novela” tem essa dupla significação: é tanto romance quanto “novela”, no sentido em que Freud dizia que cada um constrói a sua “novela familiar”. Dentro da “saga poética de inflexão autobiográfica” (em palavras de Foffani), *O eco da minha mãe* gira em torno do motivo da doença e da morte da mãe, da sua perda da memória pelo Alzheimer e, aos poucos, também da voz (“deixo que ela não diga para não envergonhá-la”). Já *O gueto* publicado originalmente em 2003, coloca as questões da herança paterna e judaica, através do sobrenome da poetisa. Nos quatorze poemas que compõem o livro aparecem as questões fundamentais do corpo e da cultura judaica, da tradição (“Bar mitzvá”, “Kaddish”, “Muro das Lamentações” são alguns dos títulos dos poemas). Mas cada um desses assuntos alude a um outro, fora dessa

tradição, assim, por exemplo, a diáspora judaica se confunde com o exílio dos argentinos no México. O passado se confunde com o presente, talvez porque há sempre mais do que uma referência a um gueto, à própria condição de ser estrangeiro.

Um jogo de dedicatórias (à irmã, ao pai e ao irmão *in memoriam*) arma, entre esses dois livros, a “novela familiar”. Nesse sentido, a publicação conjunta pela 7Letras, na bela tradução de Carlito Azevedo e Paloma Vidal, é um acerto: os dois dialogam entre si, na elaboração poética da herança a partir da língua materna e do sobrenome paterno. Para um judeu o sobrenome, o nome próprio, nunca é próprio, é também a conotação do pertencimento a uma comunidade. Também a língua materna (o idish) remete a esse pertencimento, mas o interessante da poesia de Tamara é que ela não se instala na identificação mas, pelo contrário, situa “o gueto” precisamente entre o próprio e o impróprio, fazendo da comunidade “uma desapropriação que investe e descentra o sujeito proprietário e o força a sair de si mesmo”, como diz Roberto Esposito em *Communitas*. Assim, há sempre uma abertura do sentido, um jogo de ressonâncias. O “gueto”, por exemplo, alude não só ao gueto judaico, mas a outras violências históricas, outras comunidades: a já mencionada dos exilados ou a das “jineteras” cubanas, por exemplo, e vai encontrar uma ressonância no outro livro, *O eco da minhã mãe*, como “gueto” de uma família em luto:

[...] a janela para fora um mundo impronunciável
nos acoitava e eu lá dentro fazendo em gueto os deveres
a caligrafia silenciosa do i arrastava um irmão
porque a morte no fundo da minha infância
tinha cortado o livro.
(Kamenszain, 2012, 115)

A voz poética de Tamara se “desapropria” também nas múltiplas remissões a outros poetas: Celan, Vallejo, Ungaretti, Perlongher, Gironde, Asunción Silva. Assim, essa poesia vai se inscrevendo no limiar, entre o próprio e o impróprio, o poético e o prosaico, entre o verso e a narrativa. Também entre a articulação e a desarticulação, pois o poema nunca repõe a memória nem a fala do outro, mas, pelo contrário, rodeia seus vazios: “não posso narrar”/ “a gramática se torna um escândalo” (Kamenszain, 2012, 77).

Assim transitam esses poemas, entre o fechado e o aberto: de um lado a casa, a família, o gueto; do outro lado, o mundo. O biográfico - o próprio- se desdobra no comum, no impróprio. Dessa forma, a poesia de Tamara jamais deriva no confessional, pelo contrário, é mais um espaço de diálogo com outros poetas. Em *O eco da minha mãe*, através das epígrafes, vai se construindo outra “família” de afetos poéticos. São escritoras-amigas, cujas histórias de perdas ressoam como ecos da própria: Lucía Laragione, Sylvia Molloy, Coral Bracho, Diamela Eltit. “Os poetas amigos e os poetas lidos, juntos agora no espaço do poema” (Foffani). Farrapos de histórias que ecoam na própria história: “A amiga de Sílvia que perdeu o ‘você” (93), “Diamela construiu para ela uma casa atrás da sua” (95), “Coral contratou para ela uma professora de dança” (91). O que une todas elas, além da perda -da amiga, da mãe, do pai- é o apagamento da memória e, com isso, a desarticulação da língua ou “o naufrágio da gramática”, como diz Jorge Monteleone. Na poesia de Tamara, a escuta dessas outras vozes em eco, descentram a própria voz.

“[I]r é desdobrar-se em eco”, diz um poema de *O gueto*. E toda morte não é eco de outra morte? Se assim for, o eco é também a figura que sugere a

reverberação do passado no presente. Como diz Adriana Kanzepolsky no Prólogo do livro, “a morte somente pode ser dita como eco”, “como uma morte repetida em eco desde a infância” (Kanzepolsky, 2012, 13), fazendo referência à morte do irmão da poetisa, ainda quando era uma criança pequena, evocada no último poema do livro. De maneira que o “eco” tem múltiplas ressonâncias: recurso poético da repetição, fala desarticulada da voz materna, mas também espelhamento de uma história -de uma morte- na outra, ao infinito.

nunca mais nunca mais nunca mais
a morte caseira na minha casa erigiu o eco de um tabu
(Kamenszain, 2012, 115)

A escrita está então intrinsecamente ligada à perda: “morreu meu irmão e eu começava a escrever era minha tarefa”. Se, como assinala Foffani, “a metáfora da escrita nasce do corte, a costura e o tecido”, é entre as malhas do tecido –da escrita- que a biografia se escapula: “passam direto as histórias fugindo/ quem pode retê-las se a memória da minha mãe já não as tece”. Assim, os contornos dessa primeira pessoa autobiográfica vão se borrando, no inascível da bio-grafia, no impronunciável da morte, na desarticulação da língua, nesse “mundo sem palavras” das “reféns do Alzheimer”, na impossibilidade de narrar...

a lo mejor, quien te dice, mañana...
(Kamenszain, 2012, 117)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Foffani, Enrique. Prólogo a *La novela de la poesía. Poesía reunida* de Tamara Kamenzain. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2012.
- Kanzepolsky, Adriana. Prólogo a *O gueto/ O eco da minha mãe* de Tamara Kamenzain. Trad. Carlito Azevedo e Paloma Vidal. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- Monteleone, Jorge. “El vacío de la palabra”. Resenha de *El eco de mi madre*. Buenos Aires, *La Nación*. 5 de novembro de 2010. www.lanacion.com.ar/1320667-en-el-vacio-de-la-palabra